

Experiência Social

BIBLIOTECA
CONSELHO REGIONAL
DE MEDICINA
PARANÁ

O colega mais jovem deve ter lido Dom Casmurro como obrigação para o vestibular. Não sei se tal dever fê-lo perder a capacidade de prazer e curiosidade que vêm de suas páginas, prazer, pelo menos estético, que deve ser sorvido lentamente.

O núcleo são as memórias do ensimesmado Bentinho com suas dificuldades para avaliar sua própria realidade. Evidente que o romance não é centrado apenas na suposta traição de Capitu, que qualquer machadiano como nosso Dalton Trevisan nem sequer admite discutir, nem no ciúme ingênuo e doentio de Bentinho. Sua tessitura é mais ampla e profunda. Um verdadeiro painel social da época, Rio de Janeiro na virada do século 19 para o 20. Aliás, época em que ninguém contestava o adultério, me desculpem os politicamente corretos, de Capitu. Tanto que Otto Lara Resende defendendo essa tese cita uma carta de Graça Aranha, amigo pessoal de Machado: "Casada, teve por amante o maior amigo do marido". Como soe acontecer, tudo por perto. Mas a prova maior e definitiva? A esterilidade de Bentinho.

Quem lê Dom Casmurro, mesmo que não esteja à cata de indícios e provas de traição, sabe, se tiver experiência social, que Capitu não podia ser mulher de um homem só. Tal seu impulso instintivo exacerbado, sua libido vulcânica, e não vai nisso qualquer juízo de valor, era assim e tentava lidar com isso. É claro que quando somos muito bons numa tendência temos maior dificuldade de domá-la, às vezes podendo gerar sofrimento. É justamente a reflexão advinda do sofrimento, do infortúnio, ou, o que seria melhor, do esforço, desde que assimilada, que determina maior ou menor experiência social que se tem. Não é ter vivido muito socialmente. É ter refletido muito sobre o vivido, mesmo que pouco. Por isso que experiência não se ensina, cada um adquire à sua maneira e para seu uso. Ou indo mais além. Ter conhecimento é essencial, lógico, mas saber drenar esse conhecimento em atitudes adequadas a cada circunstância nos é dado pela experiência social. Mais uma vez, só se adquire vivendo e refletindo sobre o vivido assimilado.

Na prática médica utilizamos conhecimentos específicos e habilidades específicas, mas tanto uns como outras só atingem seus objetivos plenos orientados pelas atitudes mais concernentes. Para isso temos que conhecer a realidade na

qual atuamos da forma mais clara possível. Temos que nos abstrair de qualquer ranço ideológico — o que achamos que devia ser —, e trocá-lo pela crueza do que é. O comportamento dos outros não é o que desejamos que seja, mas simplesmente o que é. Exemplo: O sexo que os outros fazem não é necessariamente o sexo que fazemos, mas sabê-lo pode ter implicações epidemiológicas. Não cometer esse engano é fundamental para que possamos ajudá-los e ser isentos. E quero deixar claro que, a princípio, médico não pode ter curiosidade a respeito da vida sexual de outrem. A não ser que a pessoa pretenda discutir seus problemas sexuais ou se a revelação do comportamento implicar em potencial benefício para o paciente. Se alguém consulta por uma monoartrite aguda de joelho, e é jovem, temos que conhecer seu comportamento sexual, porque pode implicar em ajuda diagnóstica e terapêutica. Esse o busilis. Tudo tem que estar centrado no potencial auxílio ao paciente. Se sexo anal é certo ou errado também não nos interessa, em princípio. Mas a orientação, para quem gosta, de que só se faça depois do vaginal é crucial para evitar infecções. Isso nos interessa, e muito, pois somos apóstolos da prevenção.

Então está posto que tudo que nos interessa tem que ajudar o paciente, ao menos em potencial. E sem conhecermos a diversidade do comportamento somos menos úteis. E nos tornamos preconceituosos.

Freud dizia que qualquer movimento corresponde a um gesto. Se é gesto é interpretável. Isso depende de observação isenta, contínua, e a longo prazo. E comparação, claro! Experiência é adquirida na contemplação rigorosa sem contemplação. É jogo de palavras, mas é verdadeiro. E não vai servir a ninguém, se não a nós próprios. É feita a cultura, um saber de segundo grau, "Um saber do próprio saber". Como consequência, quando dizemos que alguém é experiente não estamos usando um sistema de valoração, impossível tê-lo em algo subjetivo, mas que é pessoa que viveu e entendeu o que viveu, embora continue sendo imprecisa. Apenas erra menos. É, por isso, sabe que se perguntar com pertinência a alguém se é ativa sexualmente, e esta lhe responder que sim, pode ter certeza; se responder que não, pode ser... Vamos ver. No correntio da conversa a pesquisa deve continuar. Experiência é isso!

Jaculatórias V

Jatos de idéias médicas para refletir e criticar

- Ouse na pesquisa, seja estimulante no ensino e prudente na prática. Pena que esse temperamento raramente exista no mesmo cérebro.

- Quer evoluir na medicina? Contemple sem contemplação, isto é, faça uma avaliação sem poupar nada ou ninguém, sobretudo nem a si mesmo.

- A medicina abre um leque de possibilidades imenso. O que o estudante pode fazer é optar nesse espectro pela sua melhor tendência. Esta tem a ver com o temperamento — forte base genética — e com as escolhas que realizou até àquele momento. A boa opção tem a ver com o talento. Ou, como diria Sttela Adler, o talento está na escolha.

- A arte começa onde termina o poder científico. Mas também facilita o acesso à ciência.

- Falar mal dos outros é fácil, todo mundo fala. Falar bem é que é difícil. É como se tirássemos algo de nós, temos a sensação de ficarmos mais pobres. Não se intimide em elogiar, desde que haja motivo, claro! Porque ninguém deve estar aqui para ser hipócrita e açoitado pelos versos de Rimbaud: "Oisive jeunesse, à tout asservie, par délicatesse, j'ai perdu ma vie."

- Ou você controla sua mente, quando possível — certas doenças mentais impedem esse controle, impedem a liberdade —, ou uma droga, pessoa ou religião o fará.

- Com os somatizadores tenha poucas pretensões, o lema antigo e ainda atual é: "cuidar, não curar" ou se quiser algo recente: menos é mais. Seja pontual e sintomático, é mais realista.

- Parafraseando João Cabral de Mello Neto: o médico conhece as variantes/ e o estilo numeroso/ dos humanos que sabemos.

- Poder e responsabilidade andam sempre juntos, são siameses. Quanto maior domínio técnico a medicina desenvolve, maior torna-se a responsabilidade sobre a segurança dos pacientes.

- Que a Clínica Médica seja a torradinha do caviar sabemos-lo bem. Que os dignitários devam saber que não é de bom tom comê-lo às colheradas é prudente. Cristais, por mais nobres, sempre necessitam ser bem acondicionados para não rachar. O papel da clínica é sempre conjuntivo e imprescindível.

- Ética: "não é ciência exata, depende de sensibilidade para avaliar quantidades não mensuráveis"

- Aos professores: A lucidez é o verniz do caos — inconsciente — e o professor pode ser seu brilho.

É dever de cada homem deixar florir sua própria personalidade, devidamente reeducada.

A Fábula

PARECE COISA DE...

Fábula parece coisa para criança mas não é. Ou melhor, também serve à educação das crianças mas quem mais e melhor pode aproveitá-las é a adultícia, usufruindo amarga e alegre sabedoria. É que da mesma forma que aceitamos mais facilmente a crítica rindo, ao darmos alma aos animais, por uma espécie de procuração, faze-mo-los representantes de todo o espectro social e reduzimos nossas defesas emocionais podendo visualizar e analisar com mais isenção os sentimentos humanos; do amor à avareza, da amizade à hipocrisia, da covardia à fanfarronice, e sobretudo a vaidade. Extraímos sem solavancos vasta filosofia moral, um dos possíveis caminhos para o aperfeiçoamento do caráter.

Pois a fabulação teve seu apogeu com Jean La Fontaine (1621-1695), uma unanimidade nacional, para os franceses tão querido quanto o nosso Monteiro Lobato, pela simplicidade e colorido sem ser simplório, pela inovação de estilo sem ser obscuro, pela riqueza ética sem resvalar para os becos da falsa moralidade. Burilou as fábulas de Esopo e Fedro tornando-as mais brilhantes e fáceis, recriando seu viço. Ou seja, melhorou o original, o que, convenhamos, é tarefa difícil, e ainda por cima criou as suas. Em síntese: alegrou nossa juventude e aprofunda nossa maturidade. Como escritor era completo, embora se completasse no gênero. E soberbo escritor vivendo na era de Luiz XIV, o chamado Rei-Sol, protetor das artes, em companhia de gênios da comédia, da tragédia, da epistolografia, das máximas, e ainda assim conseguiu ser presença que, por sinal, se estende até nossos dias. Querem recordar a turminha de pesos-pesados da época? Molière, Racine, Corneille, La Rochefoucauld, Mme. Sévigné. É mole? Pois entre esses conseguiu pontificar e arrumar um lugar.

Fomos buscar um pouco de sua verve para ajudar a clarear um pouco a velha disputa entre médicos. Se científica, nada a opor. A verdade, por transitória que seja, sai do confronto de idéias e provas. Se centrada nas vaidades, tudo a opor. Porque pode traduzir-se em fator de risco para o paciente ou ferir estabelecidos preceitos éticos. La Fontaine ilumina um pouco o porão da vaidade.

Certo médico chamado,
D'algunha, o Muito-Melhor,
Foi visitar um doente,
Do qual o Muito-Pior
Era médico assistente.
O último, sempre funesto
Que o doente morreria
Altamente sustentava,
E o Muito-Melhor dizia
Que o pobre enfermo escapava.
Houve sobre o curativo
Mui grande contestação
Um aplicava calmantes,
O outro armava uma questão

Em favor dos irritantes
No fim de tantos debates
O enfermo a vida perdeu
E o Muito-Pior clamou:
— Vejam qual de nós falhou.
Tomou-se o Muito-Melhor
Mostrando um vivo pensar:
— Pois eu sempre afirmarei
Que morreu por não tomar
Os remédios que indiquei.
Enquanto a mim, se os tomasse
Morrer havia igualmente;
Mas é desgraça maior
Cair um pobre doente
Nas mãos dum Muito-Pior.

*Lês Fables de La Fontaine, du monastère de Saint-Vicent à Lisbonne. Éditions Chandeigne. —
Librairie Portugaise — Edição portuguesa, novembro de 2001, adaptada.*

CHAMAMENTO

A palavra acima pode não ser bonita, mas diz à perfeição o que é vocação. Muitos estudantes me perguntam o que é necessário para ter uma verdadeira vocação médica. Na ausência de algo original, recorro a Max Weber, talvez o maior sociólogo do século XX, com sua tríade famosa: paixão, senso de responsabilidade e sentido das proporções.

Não a paixão privada e miúda, focada num único desejo, com antolhos que limitam a visão ampla da realidade e que corresponde a uma atitude emocional incompleta por só ter olhos para objeto único, exigindo tudo de si e do outro, camisa-de-força que arrasta a um beco-sem-saída improdutivo, chama tão intensa quanto passageira, em sua circularidade obsessiva. Mas à paixão como vocação criadora. Isto é, àquela paixão pública in totum, desprendida, liberta das mesquinharias e interesses intestinos, dedicada ao que há de melhor de si para os outros, e nos outros, completada em si. Isso quer dizer que o prazer mais profundo ou a consciência mais clara da realidade não se manifestam sem a paixão. É o assumir-se a si próprio com a coragem de suas verdades.

Mas cuidado, estas, as verdades, não podem passionalmente estar descoladas do senso de responsabilidade e do sentido das proporções. Não pode haver boa paixão sem proporção.

É a proporção com seu distanciamento e isenção que permite a concentração e serenidade únicas na análise da realidade.

E o próprio Weber alertava que o difícil era haver paixão e proporção em doses ideais na mesma mente, sem o que a responsabilidade soçobra. E as atitudes não se encadeiam.

Diálogos (Im)Pertinentes

Poucos sabem mas houve uma passagem de Cristo pela terra que redundou em fracasso. Relativo, evidentemente!

Naquele tempo, um velho clínico, com sua fila de 30 pessoas para atender no que se chamava INPS, de vez em quando olhava para cima e murmurava:

— Senhor, estou cansado, preciso de umas férias!

Daí a pouco, mais alguns atendidos e a mesma ladainha:

— Senhor, não estás a ver, estou cansado, preciso delas!

O Senhor se encheu com tais reivindicações vitimárias, baixou à terra, num intervalo apareceu ao clínico e sentenciou:

— Dá-me cá teu avental. Tens aqui um voucher — já era uma palavra sem fronteiras — para as ilhas Seychelles, aquelas do Collor. Não te vás perder por lá com a Emanuelle! Carpe diem! Espera... é pouco, carpe mensis! Assumiu o posto e mandou entrar o próximo da fila. Era um parálitico em sua cadeira de rodas. Mal entrou, o Senhor determinou:

— Meu filho, levanta-te e anda.

O parálitico assim o fez. Já ia saindo, sem ao menos agradecer, quando o próximo da fila perguntou:

— E aí, que tal o novo médico?

— Ih, pior que o outro. Esse nem examina.

Moral: Se até Cristo falhou na arte médica, fica claro que não basta fazer, precisa ornamentar.

MEMES

- Esplenomegalia em paciente ictérico sugere hepatopatia parenquimatosa ou icterícia hemolítica. A última é mais provável se a icterícia for leve e de intensidade variável.
- Prurido pode sugerir colestase extra-hepática ou reação colestásica a drogas. Na cirrose biliar primária pode anteceder a icterícia por 6 meses a 2 anos.
- A síndrome de Gilbert é a causa mais comum de hiperbilirrubinemia indireta leve e crônica, na ausência de anemia hemolítica.
- Linfonomegalia hilar bilateral em paciente assintomático ou com eritema nodoso e/ou uveíte é sugestiva de sarcoidose. Se a linfonomegalia hilar for assimétrica pense em linfoma.
- Em polineurites predominantemente sensitivas e muito dolorosas atente, principalmente, para as seguintes causas: diabética, paraneoplásica ou disproteinêmica.
- Perda de sensibilidade à dor dissociada ocorre em diabetes, lepra, amiloidose e neuropatias sensitivas hereditárias.
- Mãos úmidas e frias sugerem ansiedade; úmidas e quentes hipertireoidismo.
- Sudorese gordurosa é um sinal de acromegalia ativa.
- Celulite gangrenosa causada por anaeróbicos que envolvem escroto, períneo e parede abdominal anterior recebe o nome de Fournier; microorganismos anaeróbicos mistos se propagam ao longo dos planos fasciais externos e causam extensa perda cutânea. Os diabéticos são particularmente suscetíveis.
- Hipertrofia gengival pode ser secundária ao uso crônico de certas drogas: ciclosporina, difenilhidantoína ou nifedipina. Não deixe de pensar em infiltração leucêmica.
- A nefrotoxicidade associada ao uso de aminoglicosídeo aumenta com o uso concomitante de vancomicina.
- Hemorragia pulmonar secundária ao lupus eritematoso ocorre geralmente na vigência de nefrite.
- A síndrome de lise tumoral ocorre dias depois de iniciada a quimioterapia para tumores de rápido crescimento. É sugerida em face de insuficiência renal aguda associada a hipercalcemia, hiperuricemia, hiperfosfatemia e hipocálcemia.
- A dilatação de capilares periungueais sugere: dermatomiosite, esclerodermia ou lupus.

Ópera e Medicina

Instado pelo colega e confrade Dr. João Manuel Cardoso Martins, a elaborar um texto abordando as relações da ópera e da Medicina, coloquei-me em campo para produzir uma comunicação palatável. Existe o preconceito, mesmo entre os médicos, de que a ópera seria um tipo de manifestação cultural superada. Os que incorrem nesse erro, desconhecem o que perdem em termos de musicalidade e de conhecimentos fornecidos pelo libreto que, na maior parte das vezes, deriva de uma obra literária ou teatral de alto gabarito. A ópera se constitui na mais completa manifestação musical de que se tem notícia, pois reúne em um único espetáculo, música, teatro, coro e balé. Para que uma representação operística tenha sucesso, tudo deve ser da melhor qualidade: os cenários, o guarda-roupa, a orquestra, os solistas, o coro, o balé e todo o pessoal de apoio.

Tecidas essas considerações à guisa de preâmbulo, vamos ao que interessa: a Medicina está presente em várias óperas. Vamos, ao dedilhar o teclado do micro - antigamente se dizia, ao correr da pena - dar exemplos de algumas óperas em que a Medicina se faz presente.

Podemos iniciar com Gaetano Donizetti, nascido em Bergamo em 29 de novembro de 1797 e falecido também em Bergamo, em 8 de abril de 1848, portanto, aos 51 anos de idade. Uma de suas obras importantes é "Lucia de Lammermoor" ópera trágica em dois atos, baseada na novela *The Bride of Lammermoor*, de Sir Walter Scott. A novela se baseava em um fato verídico ocorrido em 24 de agosto de 1669 e o libreto foi escrito por Salvatore Cammarano. A heroína, Lucia era uma desequilibrada mental. Havia perdido sua mãe e apaixonou-se por um castelão, Edgardo, inimigo de sua família. Seu irmão, Enrico, obrigou-a a se casar com um nobre, Arturo, para dessa forma galgar postos políticos na Escócia. Para tal, Enrico forja uma carta falsa na qual Edgardo declara sua paixão por outra mulher. Assim procedendo, obriga Lucia a assinar o termo de matrimônio com Arturo. Ela o faz com tristeza e diz "*la mia condanna ho scritta*" isto é, acabo de assinar minha condenação. Quando os cortesãos estão alegremente comemorando as bodas, irrompe no salão, o capelão, Raimondo, tutor de Lucia, comunicando a todos, que Lucia havia assassinado seu noivo que jazia na alcova, exânime. Logo após, aparece Lucia, com sua camisola ensanguentada e enlouquecida. Lucia canta a famosa ária da loucura "*il dolce suono mi colpì di la tua voce*" ou seja, o doce som de sua voz me tocou e morre em seguida. Nesta ária, Lucia faz dueto com a flauta. Trata-se de uma das árias mais difíceis do repertório operístico e suas mais famosas intérpretes modernas foram Maria Callas e Joan Sutherland. Lucia na realidade era uma doente psicopata e deixo a meus colegas Psiquiatras, a tarefa de diagnosticar sua psicopatia.

Também de Donizetti, temos a ópera cômica "Il Campanello de notte ossia Lo Speciale." Speciale em italiano significa Farmacêutico. A ópera em um ato, trata do casamento do Farmacêutico Don Annibale, um homem maduro, com a jovem Serafina. Ocorre que um primo de Serafina, Enrico, é apaixonado por ela e não se conformando com o casamento, resolve atrapalhar a lua de mel dos dois. No século XIX, época em que a ópera foi composta, era costume se instalar no portão das casas dos Farmacêuticos, uma sineta - campanello - para chamar o Farmacêutico à noite, em caso de necessidade. Enrico disfarçado de cortesão francês, acorda o Farmacêutico dizendo-se febril. Depois de longo tempo, Don Annibale fornece a Enrico uma mesinha e lá se vai ele. Retorna pouco depois, disfarçado como tenor que está rouco e como tal não pode se apresentar no dia seguinte, no palco. Don Annibale, depois de longo tempo, prepara uma pílula e o despacha novamente. Retorna Enrico vestindo camisola de dormir e barrete (naquela época era assim) solicitando medicação para sua mulher que era tísica e diabética, escrofulosa e asmática, sofrendo com sete fistulas, com dor nas costas, hemicrânia, podagra (gota), ciática e outros tipos de artrite. Nesta altura a alvorada já havia raiado. Enrico disfarçado, solicita tratamento para a mulher, apresentando ao Farmacêutico uma receita que contém aqua célebre do grande Maurizio, azeite de Areca, reforçado com água canforada, bálsamo de copaíba, eleuteria doce e cedro imperial, que é bom e não faz mal. Deveria juntar a tudo isto, manteiga de antimônio, umbigo de Vênus, enxofre, assafétida, chá anti-sifilítico, extrato de cicuta, papoula e xarope cordial. Misturar, ainda, com pó de Marco Cornachione e de Giovanni Procida, emplastro de *Cassia fistulata* e preparar a infusão. Após todo o trabalho de manipulação, raiou o sol e Don Annibale viajou sem realizar a lua de mel. Assim procedendo, Enrico deixou os nubentes a ver navios.

Para encerrar o ciclo Donizettiano, podemos lembrar a famosa ópera cômica, "L'Elisir d'Amore, em dois atos, com libreto de Felice Romani baseado em um texto de Eugène Scribe. A cena se passa em um pequeno povoado agrícola da Itália. Adina é uma das poucas pessoas letradas, sendo a razão da vida de Nemorino um pobre e ignorante campônio. Chega à aldeia um charlatão Dr. Dulcamara que vende um elixir (na realidade vinho tinto barato). Em sua ária "*Udite, udite oh rustici*" isto é, ouçam, ouçam ó rústicos, ele se diz Doutor enciclopédico, chamado Dulcamara, cuja virtude preclara é conhecida no Universo e em outros sítios. Segundo ele, o elixir é odontálgico e poderoso destruidor de percevejos e de ratos. O elixir é certificado, autenticado, e quem quiser verificar a documentação, esta está às ordens. Devido ao elixir, um homem septuagenário e valetudinário, ainda se tornou avô de dez netos. Com esta panacéia, "*toca e sanna*," isto é, tocou e curou e, em uma semana, uma

pobre viúva, de chorar cessou. Ó vós matar e rejuvenescer desejais? Vossas rugas incômodas cancelais. Querem, jovens donzelas, bem? Comprei meu específico, que por pouco o vovô está se curando. Ele move os paralíticos, cura os apneumáticos e asfíxicos, os histéricos e os diabéticos, os labirínticos, os ferimentos e os raquíticos, os males do fígado, que se tornaram moda. No passado, era comum se atribuir uma série de males do fígado. Todos sabemos que a Medicina está protegida da moda e hoje a moda é a Medicina baseada em evidências. A principal ária encantadora é a ária do tenor "*Una furtiva lagrima*".

Outro compositor notável foi Vincenzo Bellini, nascido em Catania em 3 de novembro de 1781 e falecido em Puteaux, nos arredores de Paris, em 23 de setembro de 1835. Uma de suas obras mais conhecidas é "Sonambula" ópera dramática em dois atos, com libreto de Felice Romani, baseada em uma obra de Eugène Scribe. Esta ópera tem um argumento piegas, mas musicalmente seja muito bonita. Amina, uma jovem noiva de Elvino. Outra aldeã, Alisa também apaixonada por Elvino. Elvino oferece à Amina um anel que pertenceu à sua mãe. No momento da assinatura do contrato nupcial, chega Rodolfo, filho de Elvino e se impressiona com a beleza de Amina. No crepúsculo, costuma aparecer o fantasma de uma mulher, de cabelos soltos, envolta em um manto negro. O conde se aloja em um quarto na casa de Amina. Amina fica com ciúmes do conde e briga com ele. Subitamente, aparece Amina sonâmbula, buscando fidelidade a Elvino. A branca figura de Amina aparece sobre uma pequena ponte junto ao moinho, e ela se acaia a cada passo. Amina sonha e invoca o nome de Elvino, chora sobre as flores murchas que estão ao seu redor. Oferecido. Elvino tocado, acorda Amina e os dois vivem o amor eterno. A principal ária desta ópera é a "*Ah! Non credea mirarti, si presto estinto*", ou seja, Ah! Não acreditava mirar-te, tão rapidamente fenecida, ó flor. As gravações principais foram feitas pela grande soprano Maria Callas.

Não poderíamos deixar de mencionar Giuseppe Verdi, nascido em Le Roncole, próximo a Busseto, em 10 de outubro de 1813 e falecido em Parma em 10 de janeiro de 1901. Uma de suas obras mais conhecidas é "La Traviata," ópera trágica em três atos, com libreto de Francesco Maria Piave, baseado no livro de Alexandre Dumas Filho. Violetta Valéry é uma mulher que se apaixona por Alfredo Germont, filho de um proprietário provençal, Giorgio Germont. Violetta interpõe entre ambos, argumentando que a união seria uma desonra para os Germont.

Estilo

Quem ouviu o jovem olhos azuis, a denominação não existia, Frank Sinatra, nunca duvidou de seus recursos vocais. O que poucos sabem é que, apesar de ter esses recursos e uma suavidade de voz com timbre único, ainda treinava debaixo d'água, isto é, mergulhava numa piscina e tentava ficar o máximo de tempo possível para aumentar sua capacidade pulmonar. Isso o fez poder cantar versos seguidos sem respirar. Teve disciplina e esforço, binômio imprescindível a qualquer talento. No entanto, quando a voz do velho olhos azuis declinou não perdeu em beleza e sensibilidade. A exuberância e a qualidade tinham diminuído, o charme e a excelência não. Por que? Tinha estilo. Da mesma forma que na ciência a experiência acumulada pode redundar em uma teoria, ou seja, visão sistemática de uma realidade, na arte, a condensação clara de certas características drenam para o estilo. Este é o facho de luz da arte. Ou sintetizando: A teoria está para ciência, como a intuição está para o sagrado e o estilo para arte. Inclusive para a arte médica.

Isso vem a propósito do seguinte: porque tantos médicos brilhantes, com recursos técnicos e conhecimento sobejo, e até muita teoria, não emplacam? Igualmente há profissionais, competentes claro, que são intolerantes, não concedem e que, às vezes, chegam a ser malcriados, e seus pacientes, embora não gostem, os toleram. E mais, os respeitam e se mantêm fidelíssimos. Porque além da competência têm estilo. Aqueles que não o têm, não adianta procurá-lo fora dos eus, não há fórmula, é único, personalíssimo, intransferível, está dentro de cada um, quando está, encontra-se nas entranhas, e simplesmente floresce sem que se queira. E por fim, ainda é de atribuição alheia.

Agora, se você é competente e não tem estilo, não se preocupe, basta fazer a opção existencial pela delicadeza.

O autor

O autor do encarte Iátrico, Dr. João Manuel Cardoso Martins, é Professor de Clínica Médica e Reumatologia da PUC-PR e membro da Academia Paranaense de Medicina. Também integra o Conselho Editorial do CRM. Comentários críticos, sugestões ou colaborações devem ser enviadas para o endereço eletrônico do Jornal do CRM (jornal@crmp.org.br).



consegue convencer Violeta a se afastar de Alfredo. Desde o início da trama, Violeta passa mal, está tuberculosa e morre nos braços de Alfredo, após ter perdoado a Giorgio, pelo mal que lhes causara. Há também a figura do Médico, Dr. Grenvil que pouco pode fazer pela recuperação de Violeta. "La Traviata" é uma sucessão de árias maravilhosas, desde o "brindisi, até "Pariggi, o cara, noi lasceremo, la vita uniti trascorreremo" traduzindo a promessa de Alfredo - Paris, ó cara, nós deixaremos e a vida juntos, passaremos. Então aqui temos a tuberculose, que na época era fatal pois não havia antibióticos e a figura do Dr. Grenvil.

Outra ópera em que aparece a tuberculose é "La Bohème," de Giacomo Puccini, um compositor nascido em Torre Del Lago, próximo a Lucca em 22 de dezembro de 1858 e falecido em Bruxelas, em 29 de novembro de 1924. "La Bohème" é uma ópera trágica em quatro atos, com libreto de Giuseppe Giacosa e Luigi Illica. O argumento foi baseado no romance de Henri Murger, La vie de Bohème. Conta a história de quatro jovens estudantes, naturalmente duros, que compartilhavam um quarto alugado em Paris. Os jovens são Rodolfo, escritor, Marcello pintor, Colline, filósofo e Schaunard, músico. No mesmo prédio habita Mimi, uma modeladora de flores artificiais, que está tuberculosa. Mimi e Rodolfo se apaixonam e ela morre nos braços de Rodolfo. As principais árias são "Che gelida manina" de Rodolfo e "Si Mi chiamano Mimi" de Mimi.

Bem, chegamos ao final. Espero que o texto seja do agrado de meus colegas e que desperte o interesse por este tipo de espetáculo. Há muito tempo atrás, foram apresentadas várias óperas no Teatro Guaíra. Na última década, não foram apresentados espetáculos operísticos em Curitiba. Esperemos que neste ano de 2004, as coisas mudem e possamos novamente assistir a óperas em Curitiba.

Hélio Germiniani, Médico Cardiologista e Membro Titular, Fundador da Academia Paranaense de Medicina, onde ocupa a cadeira número 49.

Pesquisa

Escritura

Escreve-se por dinheiro, isto é, profissionalmente, a maneira mais comum e correta da escrita. Apesar dos muitos pesares. Também por vaidade. Raramente útil. Às vezes por missão. Nem sempre nobre. Por isso, a fincar o período previsto para o Iátrico, nove números, traçamos como objetivo só continuar com o seu aval. Não é só o tal mercado, você paga, você manda. A colaboração é graciosa. Mas tudo tem um custo de produção esse o colega paga e, naturalmente, tem direito à escolha. Continuar ou não, essa a questão, e você, leitor médico, decide. Seja exigente, o rigor é necessário! O cupom (veja verso) a ser preenchido, recortado e mandado por fax (0xx41/240-2001), ou pelo site do CRM. O Iátrico só faz sentido se, de alguma maneira, servir aos seus interesses.

Poesia

Morte, alienação e sofrimento, constantes nas preocupações do ser, neurovivopensamento do gesto. Seus recados existenciais buscam diálogo somático, rotineiramente medicalizado. Mas isso é do vivo. E o morto, quem é? Leme Franco mostra que o morto não é só aquele com seus incríveis e patéticos sapatos de verniz preto, nem mesmo o do retrato na parede, pode ser um nada, traço sem lembrança, sem "presença na ausência", e poderia ser diferente: lição e memória.

Morto

Não morre quem falece,
Mas quem nada deixa aos
Que em vão lembrar-se dele.

Dr. Luiz Carlos Leme Franco.

Poesia

Cerebrar e mentar, elo invisível e indivisível, circuitaria envolvente, precisa e desconcertante, tão imaginada e desafiadora ao improvável. Bruno Tolentino, um dos maiores poetas brasileiros da atualidade, em seu precioso e caleidoscópico "O mundo como Idéia", patrocina sua analogia entre mente e colméia.

A mente é uma colméia de nações;
o mundo um ramalhete de surpresas;
o coração, abelha entre zangões,
vem e vai entre duas naturezas.
O ofício de mentar, porque se opõe
a tudo o que lhe escapa, da estranheza
deste mundo subtrai toda incerteza
e, segundo impecáveis reduções,
faz outra coisa de uma coisa bela.
É tentadora cada redução,
Porque se a idéia cabe numa tela,
o resto, o provisório, a morte, não.
Resta que um belo dia a abelha (aquela...)
não retorna à colméia, ó ingratidão!

Antologia I

"E um desejo de novo me anima
Eu desejo o fervor de outros tempos
E a beleza dos dias de então
Chove tanto nos meus sentimentos
E é verão, verão, verão..."

Verão, Rosa Passos/ Fernando de Oliveira.

A necessidade humana do que foi e ficou.
Pontos luminosos na nebulosa do esquecimento.
Procura febril na teia do agora,
esmaecida e evanescente, ainda sem as estrelas do futuro.
Colheita incerta de memórias e sentimentos,
fugazes na perenização casual
mas sempre ao alcance do ressentimento e do sabor.
Nisso é verão.

Antologia II

"A felicidade é como a pluma/
Que o vento vai levando pelo ar/
Voa tão leve/ mas tem a vida breve/
Precisa que haja vento sem parar."

Tom e Vinícius.

E sabemos que o vento nem sempre movimenta as folhas
em sua visibilidade imprevista. Tornado brisa, sente-se e evoca
a suavidade do pressentido, mas é breve e recorrente, como
tudo que é vida.

Do Caderno Verde

"Considero impossível conhecer as partes sem
conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo
sem conhecer, particularmente, as partes."

Pascal

O pensamento especializado, cultural ou
científico, é absolutamente necessário para
entendemos as raízes do conhecimento. Mas não
pode nublar a totalidade. Seria como conhecer
profundamente uma árvore sem ter noção do
bosque. Em suma, na medicina: pensamento
científico não ignorado e pensamento humanista
levado em conta.

Pesquisa

O que você acha do Iátrico?

Esta enquête será tabulada sem o nome ou o número do CRM do colega médico. O material coletado será destruído, sem conhecimento do Conselho Editorial. Contudo, a nominação é necessária para confirmação, pelo tabulador, da autenticidade do votante-avaliador e para que não haja repetição de votos.

- 1) Nome: _____
- 2) N.º do CRM: _____
- 3) Sexo: ☐ M ☐ F
- 4) Há quanto tempo é médico?
☐ 1 a 5 anos ☐ 6 a 10 anos ☐ 11 a 20 anos ☐ 21 a 30 anos ☐ mais de 30 anos
- 5) O Conselho de Medicina do Paraná deve manter a edição do suplemento Iátrico?
☐ Sim ☐ Não (Se for desfavorável, não há necessidade de responder os demais quesitos)
- 6) Cite duas seções de seu interesse:
☐ Ensaio ☐ Poesia e Literatura ☐ Memes ☐ Jaculatórias ☐ Comentários de Frases ☐ Citações
☐ Comentários de filmes e peças ☐ Artigos ☐ Outras
- 7) Se tiver, favor citar uma sugestão editorial nova: _____

Reflexão

“Escrever é uma maneira de não ler. E de vingar-se por ter lido tanto”. (Macedonio Fernandez)

Todo psicoterapeuta conhece bem o mecanismo de negação. Poucos sabem, no entanto, que houve um exímio escritor nas variantes da negação. Uma referência, no dizer de Jorge Luís Borges, que se considerava seu discípulo. Um portenho do século 19 que muito manuscreeu, mas como todo obsessivo era um poço de auto-exigência, quase tudo de sua obra jogando fora ou abandonando. Não conseguia se levar a sério, tampouco aos outros. Acabou sendo um grande criador oral, aliás, como nosso Otto Lara Resende, igualmente grande estilista.

Publicamos um fragmento desse impressionante Macedonio Fernández com sua linguagem paradoxal e anti-realista, propositalmente tola, et pour cause, reflexiva.

Um paciente em diminuição

O senhor Ga fora tão assíduo, dócil e prolongado paciente do doutor Terapêutica que agora estava reduzido a único pé. Extirpados sucessivamente os dentes, as amídalas, o estômago, um rim, um pulmão, o baço e o cólon, agora o mordomo do senhor Ga ia chamar o doutor Terapêutica para que atendesse o pé do senhor Ga.

O doutor Terapêutica examinou atentamente o pé e “meneando gravemente” a cabeça prescreveu: “Há pé de mais, por isso se sente mal: que um cirurgião faça a ablação necessária”.

Ética

Em 62, depois da copa do Chile, ganha pelo Brasil, e tendo como maior destaque Garrincha, o gênio das pernas tortas, o Juventus de Turim ofereceu 2 milhões de dólares – pense no valor dessa quantia na época – ao Botafogo, condicionados a rigorosos exame médico. Um médico brasileiro desaconselhou o investimento aos alvinegros da Fiat. Motivo: grave artrose de joelhos. Quer dizer, entre os interesses financeiros e o drama humano, a correção e o dever de uma consciência ética.

A ética que não estimula à ação é imoral. Ou no dizer de Ortega y Gasset: “O ideal ético não pode contentar-se com ser corretíssimo: é preciso que consiga excitar nossa impetuosidade.”

PALAVRAS de Mestre

“Não acho que precisemos da tecnologia para chegar ao reino da estupidez. Já estamos nos imbecilizando pelo culto exagerado aos esportes, pela música de má qualidade ouvida alto, pelas religiões fundamentais e pela tolerância ao pensamento acético”.

Marvin Minshy, estudioso da inteligência artificial, corroborando Schiller, para quem contra a estupidez até os deuses lutam em vão.

láticas

» **Prezada Sandra:** Não houve erro a respeito de “quem passou pela vida em branca nuvem”. O verso de Francisco Otaviano em *Ilusões da Vida* usa branca no singular. O povo pluralizou. Nem sempre tem razão. Esculpido e encarnado a cara do pai - lembra de Michelangelo ao terminar o Davi e querendo que encarnasse? -, virou cuspidor e escarrado. Uma pena!

» **Prezada Juliana:** “(O) cerebral amor estéril das hísticas” é de Adalberto Guerra Duval em *Garças*. Tenho uma versão, que me veio por acaso, durante uma entrevista em concurso médico: A sombra espiava os conflitos adotados.

» **Prezada Romana:** O critério é que tem que ter a ver com medicina. Da filosofia da ciência à poesia, do comportamento humano à neurociência, último grande baluarte da filosofia.

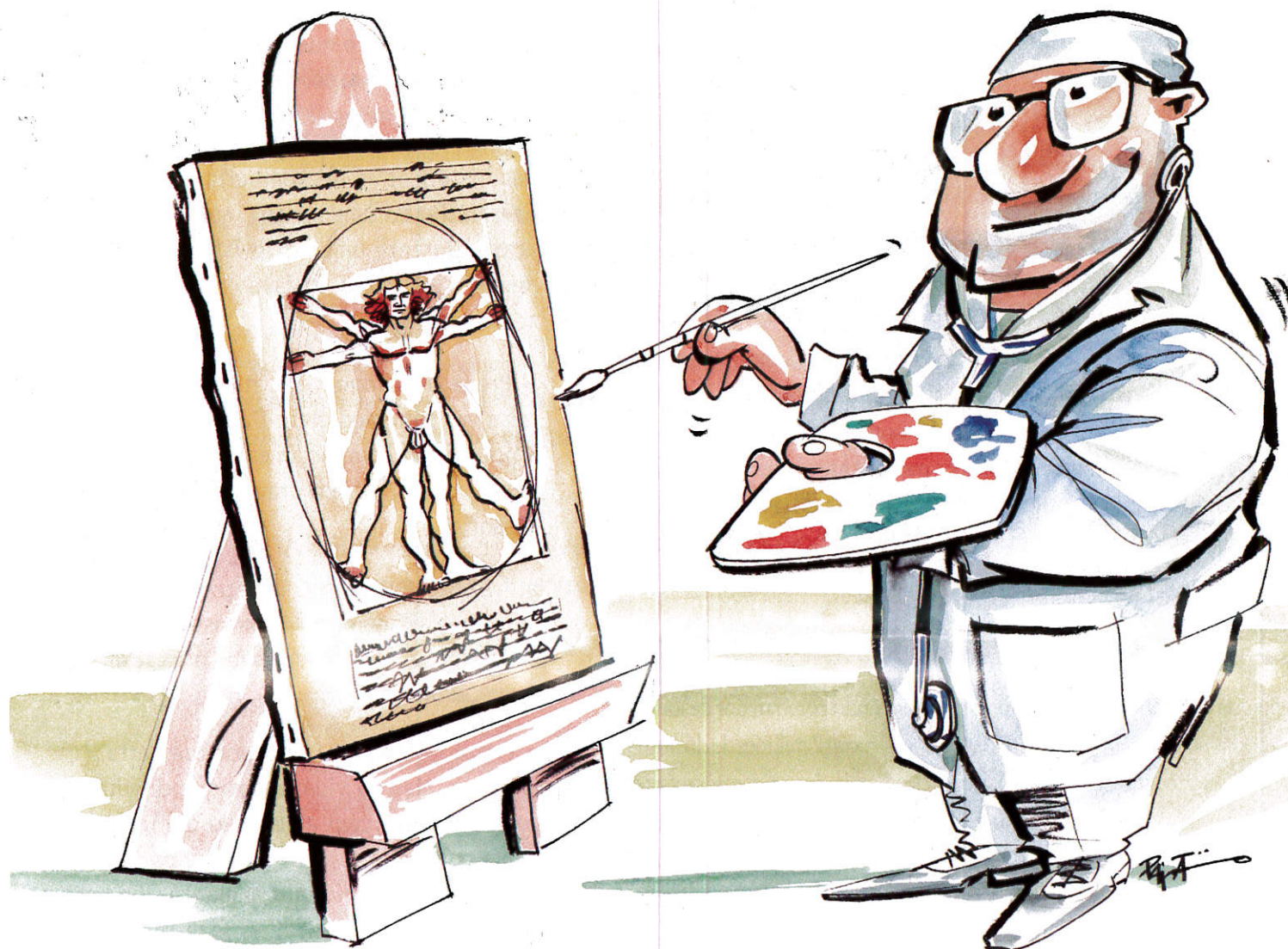
» **Prezado Rodrigo:** O espaço exíguo nos fez optar pelo fragmento. Como isso isoladamente não faria sentido procuramos uma forma mista. A que está aí.

» **Prezada Cleusa:** Grato por tua carta elogiosa. Mas na vida temos que dividir. É um dever. Se feito com amor, não diminui, é a única coisa que revela o milagre da multiplicação, dividindo aumenta. Viemos ao mundo para entender e, ao fazê-lo, compreender. Ou seja, entender com os outros. Essa a verdadeira nobreza dos modos. Levar aos outros a iluminação, parca que seja, na fé, na ciência ou no pensamento intuitivo. O problema é acertarmos a mão. São Bernardo já o dizia: o inferno está cheio de bem intencionados. Se o fazemos, e dá certo, é uma comunhão de prazer e alegria, mas raramente o sabemos. Daí a importância da tua carta; anima e faz perseverar. Não no erro, com o qual não temos compromisso, mas nos bons propósitos.

Nota: A todos que nos escreveram, apoiando ou sendo rigorosos, nosso obrigado. Todos zelaram por uma medicina crítica e humana. Recebam o respeito do autor.

iátrico

JORNAL dos MÉDICOS



Roteiro

Médico precisa viajar para dar mais vida ao impreciso viver. Levando, como se deve, um mínimo de tudo: roupa, limpeza, notas, papéis e, sobretudo, idéias. À espreita de absorver o máximo de tudo: coisas, lugares, pessoas. À espreita do gesto que pode macular o branco de doer, ou ser.

Há outra viagem mais imperiosa, a estática, a que se faz sem sair do lugar. Esse viajor, se decidido e rigoroso, percorre os caminhos mais insuspeitos, os de si próprio. Com suas evocações sofridas, experiências inconclusas e saudades diluídas por demoras. Sem auto-vitimização ou auto-indulgência, ao cortar as correntes das dores antigas sobra a inconstância do eu, com opções diversas e incertezas tão presentes... e desejos tão incorretos. Sim, viajar é necessário e impreciso tal qual o baile da vida, mas os caminhos dúbios adotados devem ter o ardor da curiosidade, do desprendimento e do alargar-se. Essenciais para evitar a tristeza da síntese poética: "viajar, viajar, todo o planeta é zero." Entre a decepção e a alegria, todo roteiro é incerto, decerto o interior.

Médico precisa viajar com esforço e disciplina, para dentro de si e do outro. E, às vezes, só com leveza e nonchalance, sem intenção. É a dupla via certa do dever e do prazer.

e Medicina

Também de Donizetti, temos a ópera cômica “Il Campanello de notte osia Lo Speciale.” Speciale em italiano significa Farmacêutico. A ópera em um ato, trata do casamento do Farmacêutico Don Annibale, um homem maduro, com a jovem Serafina. Ocorre que um primo de Serafina, Enrico, é apaixonado por ela e não se conformando com o casamento, resolve atrapalhar a lua de mel dos dois. No século XIX, época em que a ópera foi composta, era costume se instalar no portão das casas dos Farmacêuticos, uma sineta – campanello – para chamar o Farmacêutico à noite, em caso de necessidade. Enrico disfarçado de cortesão francês, acorda o Farmacêutico dizendo-se febril. Depois de longo tempo, Don Annibale fornece a Enrico uma mesinha e lá se vai ele. Retorna pouco depois, disfarçado como tenor que está rouco e como tal não pode se apresentar no dia seguinte, no palco. Don Annibale, depois de longo tempo, prepara uma pílula e o despacha novamente. Retorna Enrico vestindo camisola de dormir e barrete (naquela época era assim) solicitando medicação para sua mulher que era tísica e diabética, escrofulosa e asmática, sofrendo com sete fístulas, com dor nas costas, hemicrânia, podagra (gota), ciática e outros tipos de artrite. Nesta altura a alvorada já havia raiado. Enrico disfarçado, solicita tratamento para a mulher, apresentando ao Farmacêutico uma receita que contém aqua célebre do grande Maurizio, azeite de Areca, reforçado com água canforada, bálsamo de copaíba, eleuteria doce e cedro imperial, que é bom e não faz mal. Deveria juntar a tudo isto, manteiga de antímônio, umbigo de Vênus, enxofre, assafétida, chá anti-sifilítico, extrato de cicuta, papoula e xarope cordial. Misturar, ainda, com pó de Marco Cornachione e de Giovanni Procida, emplastro de *Cassia fistulata* e preparar a infusão. Após todo o trabalho de manipulação, raiou o sol e Don Annibale viajou sem realizar a lua de mel. Assim procedendo, Enrico deixou os nubentes a ver navios.

Para encerrar o ciclo Donizettiano, podemos lembrar a famosa ópera cômica, “L’Elisir d’Amore, em dois atos, com libreto de Felice Romani baseado em um texto de Eugène Scribe. A cena se passa em um pequeno povoado agrícola da Itália. Adina é uma das poucas pessoas letradas, sendo a razão da vida de Nemorino um pobre e ignorante campônio. Chega à aldeia um charlatão Dr. Dulcamara que vende um elixir (na realidade vinho tinto barato). Em sua ária “*Udite, udite oh rustici*” isto é, ouçam, ouçam ó rústicos, ele se diz Doutor enciclopédico, chamado Dulcamara, cuja virtude preclara é conhecida no Universo e em outros sítios. Segundo ele, o elixir é odontálgico e poderoso destruidor de percevejos e de ratos. O elixir é certificado, autenticado, e quem quiser verificar a documentação, esta está às ordens. Devido ao elixir, um homem septuagenário e valetudinário, ainda e tornou avô de dez netos. Com esta panacéia, “*toca e anna*,” isto é, tocou e curou e, em uma semana, uma

pobre viúva, de chorar cessou. Ó vós matronas rígidas, rejuvenescer desejais? Vossas rugas incômodas, com ele cancelais. Querem, jovens donzelas, bem lisa ter a pele? Compre meu específico, que por pouco dinheiro, lhes vendo. Ele move os paralíticos, cura os apopléticos, os asmáticos e asfíxicos, os histéricos e os diabéticos. Cura os labirínticos, os ferimentos e os raquíticos e cura até os males do fígado, que se tornaram moda ultimamente. No passado, era comum se atribuir uma série de achaques, a males do fígado. Todos sabemos que a Medicina não está protegida da moda e hoje a moda é a dita Medicina baseada em evidências. A principal ária desta ópera encantadora é a ária do tenor “*Una furtiva lagrima*.”

Outro compositor notável foi Vincenzo Bellini, nascido em Catania em 3 de novembro de 1801 e falecido em Puteaux, nos arredores de Paris, em 23 de setembro de 1853. Uma de suas obras mais conhecida é “La Sonnambula” ópera dramática em dois atos, com libreto de Felice Romani, baseada em uma obra de Eugène Scribe. Esta ópera tem um argumento piegas, embora musicalmente seja muito bonita. Amina, uma aldeã, está noiva de Elvino. Outra aldeã, Alisa também está apaixonada por Elvino. Elvino oferece à Amina um anel, que pertenceu à sua mãe. No momento da assinatura do contrato nupcial, chega Rodolfo, filho de um castelão vizinho e se impressiona com a beleza de Amina. Durante o crepúsculo, costuma aparecer o fantasma de uma mulher, de cabelos soltos, envolta em um manto branco. O conde se aloja em um quarto na casa de Alisa. Elvino fica com ciúmes do conde e briga com Amina. Subitamente, aparece Amina sonâmbula, jurando fidelidade a Elvino. A branca figura de Amina, avança sobre uma pequena ponte junto ao moinho, arriscando-se a cair a cada passo. Amina sonha e invoca seu perdido Elvino, chora sobre as flores murchas que este lhe havia oferecido. Elvino tocado, acorda Amina e os dois juram amor eterno. A principal ária desta ópera é a de Amina “*Ah! Non credea mirarti, sì presto estinto, o fiore*” quer dizer, Ah! Não acreditava mirar-te, tão rapidamente fenecida, ó flor. As gravações principais foram realizadas pela grande soprano Maria Callas.

Não poderíamos deixar de mencionar Giuseppe Verdi, nascido em Le Roncole, próximo a Busseto, na planície Parmegiana em 10 de outubro de 1813 e falecido em Milão, em 27 de janeiro de 1901. Uma de suas óperas mais conhecidas é “La Traviata,” ópera trágica em três atos, com libreto de Francesco Maria Piave, baseado num texto de Alexandre Dumas Filho. Violetta Valery é uma cortesã que se apaixona por Alfredo Germont, filho de um rico proprietário provençal, Giorgio Germont. O Pai se interpõe entre ambos, argumentando que a sonhada união seria uma desonra para os Germont e assim,

consegue convencer Violetta a se afastar de Alfredo. Desde o início da trama, Violetta passa mal, está tuberculosa e morre nos braços de Alfredo, após ter perdoado a Giorgio, pelo mal que lhes causara. Há também a figura do Médico, Dr. Grenvil que pouco pode fazer pela recuperação de Violetta. “La Traviata” é uma sucessão de árias

maravilhosas, desde o “*brindisi*, até “*Parigi, o cara, noi lasceremo, la vita uniti trascorreremo*” traduzindo a promessa de Alfredo - Paris, ó cara, nós deixaremos e a vida juntos, passaremos. Então aqui temos a tuberculose, que na época era fatal pois não havia antibióticos e a figura do Dr. Grenvil.

Outra ópera em que aparece a tuberculose é “La Bohème,” de Giacomo Puccini, um compositor nascido em Torre Del Lago, próximo a Lucca em 22 de dezembro de 1858 e falecido em Bruxelas, em 29 de novembro de 1924. “La Bohème” é uma ópera trágica em quatro atos, com libreto de Giuseppe Giacosa e Luigi Illica. O argumento foi baseado no romance de Henri Murger, *La vie de Bohème*. Conta a história de quatro jovens estudantes, naturalmente duros, que compartilhavam um quarto alugado em Paris. Os jovens são Rodolfo, escritor, Marcello pintor, Colline, filósofo e Schaunard, músico. No mesmo prédio habita Mimi, uma modeladora de flores artificiais, que está tuberculosa. Mimi e Rodolfo se apaixonam e ela morre nos braços de Rodolfo. As principais árias são “*Che gelida manina*” de Rodolfo e “*Si Mi chiamano Mimi*” de Mimi.

Bem, chegamos ao final. Espero que o texto seja do agrado de meus colegas e que desperte o interesse por este tipo de espetáculo. Há muito tempo atrás, foram apresentadas várias óperas no Teatro Guaira. Na última década, não foram apresentados espetáculos operísticos em Curitiba. Esperemos que neste ano de 2004, as coisas mudem e possamos novamente assistir a óperas em Curitiba.

Hélio Germiniani, Médico Cardiologista e Membro Titular, Fundador da Academia Paranaense de Medicina, onde ocupa a cadeira número 49.

